

A imprensa operária no Ceará (1920-1935)

*Liana Amaral**

ABSTRACT

The Labourers' Press in Ceara - 1920-1935

The authoress criticizes the official historiography such as it is pictured under the perspective of the bourgeois hegemony, and intends to fill in the gaps left in the history of Ceara-an press, which does not have a systematic study in the particular chapter of the Workers' Press in Ceara. Thus, the ultimate goal of this paper is to rescue for History the important action of the Workers' Press in Ceara, having documents that articulate with one another as steppingstone, and a theoretical critical apparatus as a support.

RESUMO

A autora critica a história oficial como é narrada na perspectiva da hegemonia burguesa e parte para preencher as lacunas deixadas na história da Imprensa Cearense, que não tem um estudo sistematizado sobre o capítulo Imprensa Operária no Ceará. Assim, o objetivo final deste contexto é recuperar para a História a ação importante da Imprensa Operária no Ceará, a partir de documentos que se articulam e tendo como sustentação um aparato teórico crítico.

1. Introdução

Para que possamos escrever a história de um povo, seus feitos, suas lutas, suas conquistas e realizações, é necessário que o conheçamos profundamente. Em nossos dias, é impossível crer numa realidade que possui uma única face.

Não podemos pensar uma História que narre apenas os feitos dos vencedores, como se houvessem eles vencido um inimigo imaginário, um fantasma, uma alucinação.

Entretanto, a História nos é contada como se dela fizessem parte apenas os ricos, os poderosos, os fortes e até mesmo os belos. Os contos, cantos,

() Graduada em Comunicação Social pelo Curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará.*

mitos e livros apresentam-nos uma realidade quase cinematográfica, onde multidões uniformes e anônimas vagueiam pelos cenários com o único objetivo de proporcionar uma certa dose de realidade ao beijo apaixonado em pleno parque.

E é assim que milhares de autômatos, sem rosto e sem vontade, percorrem as páginas de nossa História, apenas para dar substância àqueles que tomaram conta do espólio e se tornaram signatários da nossa formação social.

Somente conhecendo a história dos vencidos, dos obscuros, dos fracos e dos feios poderemos compreender a verdadeira história dos vencedores. Somente através do confronto de duas realidades opostas e contraditórias é que se pode perceber o clamor da luta e a dimensão da vitória. Como julgar a verdade nas linhas que descrevem o triunfo dos dominantes sem conhecer a trajetória dos dominados?

A história dos que triunfaram é a mesma dos derrotados, e não é possível o conhecimento da sua totalidade através de meias-verdades, meias-histórias.

Com muita frequência, a realidade histórica tem sido distorcida e desviada, voltando suas costas aos que ousaram se opor aos fortes, alijando-os de suas páginas e sua memória, na tentativa de promover o seu esquecimento.

Até bem pouco tempo, tal procedimento era único e servia muito bem aos anseios das classes dominantes, pois, ao invés de conscientizar e instruir as novas gerações, formava indivíduos medíocres e dogmáticos, ao fornecer-lhes conhecimentos que se referiam unicamente à ideologia dominante.

Poucos autores, até os nossos dias, interessaram-se em transmitir uma história verdadeira, onde os fatos assumem seu verdadeiro encadeamento e apresentando – vejam só – causas e conseqüências. Vale ressaltar que atualmente esse número aumentou consideravelmente, e ainda que tal contingente pareça pequeno, frente aos números da chamada história oficial, uma tênue mas significativa mudança já começa a ser percebida na mentalidade do nosso tempo.

Talvez a ansiedade por maiores esclarecimentos, a crença na existência de algo que “não foi dito” e um maior aprofundamento no estudo das questões, anteriormente consideradas simples, claras e mesmo óbvias, já possam ser percebidos entre as motivações dos nossos estudiosos.

A tarefa não é fácil. Como resgatar uma verdade que não foi escrita e da qual não resta nenhum vestígio?

Ainda assim, é uma tarefa que precisa ser executada. A visão de um único pensamento, de uma única ideologia, conduz a um conhecimento falso, unilateral e deturpado, incapaz de produzir bons frutos, de trazer avanços e de possibilitar um conhecimento verdadeiramente científico.

É necessário o conhecimento do todo, dos diversos aspectos de um fato, das várias ideologias que o produziram, para que exista uma análise correta e uma história verdadeira.

Ao longo de muitos anos, desenvolveu-se em nosso País uma incessante ofensiva, no sentido de esconder e deturpar a verdade sobre a participação dos trabalhadores nos processos de formação da nossa história econômica, ao mesmo tempo em que se buscou dar uma relevância exagerada à participação das classes dominantes.

Neste processo tortuoso, não apenas se procurou extrair da história do proletariado brasileiro o seu potencial de organização, o seu espírito de luta e a sua combatividade, como também caracterizá-lo como fraco e acomodado, donatário das “generosas” medidas trabalhistas do governo.

Como em um jogo, enquanto se evidenciava uma das faces do real, um dos lados da “moeda”, ocultava-se a sua contradição, a oposição, o “outro” lado.

Todos os aspectos da vida do proletariado sofreram essa tentativa de ocultação. Sua capacidade de mobilização, sua força, e também, suas péssimas condições de vida e trabalho, suas reivindicações e suas manifestações foram apagadas da História do Brasil.

O que temos hoje é uma história capenga, parcial, que privilegia apenas as classes dominantes, e na tentativa de recompor o verdadeiro perfil das classes trabalhadoras brasileiras, defrontamo-nos com lacunas que, com dificuldades de toda ordem, estão sendo preenchidas pouco a pouco.

Essa situação encontra nas palavras de Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall uma excelente caracterização: “apesar dos recentes esforços de revisão histórica, *os efeitos da longa empreitada de eliminação de qualquer participação ou de papel político das classes subalternas da sociedade brasileira levada a cabo pelas classes dominantes, duplicados pelos silêncios da historiografia tradicional, ainda estão presentes*”.¹

A imprensa das classes trabalhadoras sofreu, como o restante de suas instituições, as graves conseqüências desta tentativa de apagar a sua memória. Acervos foram destruídos, coleções perdidas. Poucos arquivos, atualmente, guardam a memória da Imprensa Operária. Em nosso Estado eles praticamente não existem.

Quais os caminhos que trilhou a imprensa operária cearense desde o seu aparecimento até os nossos dias? Existiu realmente uma imprensa operária em nosso Estado? Se existiu, de que forma ela participou e contribuiu para as modificações que ocorreram ao longo de nossa história?

A resposta a tais indagações deveria estar contida no somatório dos trabalhos de pesquisadores cearenses, especialmente das áreas de História e Comunicação. Infelizmente isso não acontece.

Poucos pesquisadores, até hoje, voltaram-se para a história da nossa imprensa, e aqueles que o fizeram abordam principalmente – e mesmo unicamente – a imprensa institucional, a chamada “grande imprensa”, deixando uma grande lacuna no que diz respeito à imprensa operária. É suficientemente conhecido o papel que desempenha a imprensa na sociedade de modo geral, formando opiniões e conceitos, retratando fatos e posições. Agindo, ao mesmo tempo, como determinante e determinada, ela, ao longo de sua existência, tem contribuído para a modificação e/ou manutenção dos valores sociais e para o acirramento de muitas questões.

Fonte geradora de polêmicas, favorecendo análises e questionamentos, a imprensa influencia e ao mesmo tempo é influenciada pela sociedade na qual está inserida.

(1) PINHEIRO, Paulo Sérgio, & HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil – 1889-1930**; documentos. São Paulo, Alfa-Omega, 1979, p. 15. (O grifo é nosso.)

Também o operariado tem desempenhado importante papel nas mudanças ocorridas ao longo da história mundial contemporânea. A partir da segunda metade do século passado, com a maior divulgação e aceitação das teorias marxistas e o acirramento das diferenças de classe, os operários vêm atuando de forma decisiva na colocação das questões sociais, através da sua conscientização e capacidade de luta.

Lutando por sua emancipação, por melhores condições de vida e trabalho, por uma melhor distribuição de renda; levantando bandeiras de justiça e igualdade, a classe operária tem contribuído decisivamente para as modificações políticas, sociais e econômicas da idade moderna, atuando como um catalisador no processo da evolução humana.

A utilização da imprensa para a divulgação de seus princípios, idéias e "bandeiras", para arregimentar adeptos e angariar simpatias, expor posições e pontos de vista, foi de grande importância para o operariado.

Foi através do jornal, do panfleto, do manifesto, dos folhetos e volantes que os operários tentaram informar e conscientizar a população e a sua própria classe da justeza, da validade e da necessidade de suas reivindicações e de seus anseios.

Ao mesmo tempo, iniciando um processo que nunca terminará verdadeiramente, pelas páginas da imprensa operária – através de debates, contestações, defesas e acusações – desenvolveu-se toda uma luta ideológica, tanto entre o operariado e a classe patronal como entre as diversas doutrinas disseminadas no movimento operário. Essa luta contribuiu para uma conscientização cada vez maior da classe trabalhadora, esclarecendo posturas e deixando raízes que marcaram profundamente a classe operária e cujos desdobramentos se refletem até nossos dias, tendo sido de fundamental importância para a caracterização dos movimentos operários da atualidade.

Como aconteceu de um modo geral, no Brasil a imprensa operária foi também de enorme valor para a formação e manutenção de uma consciência operária nacional. De acordo com a professora Maria Nazareth Ferreira, em seu livro *Imprensa Operária no Brasil – 1880-1920*, "a utilização do jornal como veículo de comunicação foi de grande proveito para a organização da classe trabalhadora brasileira. (...) Em todos os acontecimentos que empolgaram os trabalhadores brasileiros, o jornal mostrou-se o principal veículo de comunicação. Através de suas páginas, a liderança operária orientava as massas trabalhadoras. (...) Nos momentos de crise, as sedes dos sindicatos transformavam-se em postos avançados da luta operária, dos quais o jornal transmitia a palavra de ordem, a orientação a ser seguida pelas bases operárias."²

Consciente, pois, da importância que a imprensa, a classe operária e, finalmente, a imprensa operária desempenharam na modificação do panorama político-social brasileiro (como também mundial), e acreditando na impossibilidade de resgatar a história de uma determinada imprensa sem que se faça um levantamento, uma análise, da produção das classes subalternas, torna-se difícil admitir a existência de uma "história" da Imprensa Cearense que não contenha referências à imprensa de sua classe operária.

Dessa maneira, as preocupações que orientaram a escolha desse tema – notadamente a ausência de algum trabalho sobre a imprensa operária cearense –

(2) FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil – 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978. P. 15.

rense e a curiosidade a respeito da real existência e das características dessa imprensa – por si sós poderiam justificar seu desenvolvimento.

São as respostas às lacunas deixadas na história da Imprensa Cearense, pela ausência de um estudo sistematizado da Imprensa Operária no Ceará, que constituem os objetivos finais deste estudo.

2. Imprensa operária: a força da palavra

Seria impossível precisar quando e como nasceu a imprensa proletária brasileira. Tudo que podemos dizer da sua gênese é que sucedeu às publicações de cunho político liberal – sob a responsabilidade de intelectuais e estudantes – e, portanto, aconteceu como parte de um processo de conscientização e organização das classes trabalhadoras.

A inclusão da imprensa no universo da luta do trabalhador brasileiro, ao mesmo tempo em que significava um avanço na sua organização, determinou um salto qualitativo no processo político em que a classe estava inserida, por se tornar, em curtíssimo prazo, o principal instrumento de mobilização e propaganda do operariado.

Se é impossível esclarecer a época e o modo de nascimento da imprensa proletária em nosso País – como em todo o mundo –, o mesmo não se pode dizer das motivações que determinaram o seu aparecimento. Os vários autores estudados – entre os poucos que tratam de questões da vida operária – são unânimes em afirmar que o surgimento da imprensa operária foi fruto da necessidade de um canal através do qual o proletariado pudesse manifestar livremente suas idéias, seus pensamentos e suas posições, o que não acontecia a nível da imprensa das classes dominantes.

Os números iniciais da imprensa operária foram lançados quando os trabalhadores brasileiros, pouco conscientes e ainda desorganizados, começaram a perceber as injustiças sociais de que eram vítimas. Sua função era de “arauto” dos descontentamentos do proletariado, em formação. Em seus primeiros tempos, essa imprensa apenas veiculava os anseios de uma pequena parcela dos proletários, servindo para que eles expressassem suas idéias – que em sua grande maioria estavam de acordo com o ideário pequeno-burguês – sem que existissem, nas publicações, manifestações verdadeiramente contestatórias do sistema vigente, uma vez que não havia ainda uma real consciência de classe.

No fim do século passado, uma significativa mudança começou a ocorrer na estrutura da imprensa operária. De um simples canal de manifestação, ela vai transformando-se num veículo de preciosas informações e, principalmente, num efetivo agente de formação da consciência do operariado nacional, assumindo, cada vez mais, um papel de organizadora do movimento.

Até os primeiros anos da década de 20, a imprensa das classes trabalhadoras desenvolveu-se incessantemente, obtendo, a cada instante, um papel sempre mais decisivo no seio do movimento operário e atingindo, por essa época, o seu apogeu.

O nível de organização atingido pelo proletariado nacional incomodava agora as classes dominantes, que desencadearam uma forte ofensiva visando a desmobilizá-lo e obter um retrocesso na sua organização. Instalou-se uma onda de terror e perseguições no seio do operariado, e, juntamente com o declínio da mobilização, ocorreu também um gradativo declínio da imprensa proletária, que antes da metade deste século praticamente já não existia.

2.1. Quando a palavra é a força

Os primeiros jornais operários, no Brasil, surgiram no século XIX. O proletariado brasileiro, em princípio de formação, começava a tomar consciência da situação de exploração em que vivia e iniciava a sua organização. Juntamente com as primeiras ligas e associações de trabalhadores que surgiram, foram criados os primeiros jornais. Eram, em sua maioria, veículos de denúncia, não apresentando características diferentes das dos seus predecessores, os jornais liberais, que se manifestavam contra a conjuntura político-social sem pretender mudanças estruturais.

Eram publicações sem regularidade e de pequena penetração no seio do proletariado. Não causavam impacto nem despertavam atenções.

Até a última década do século passado a imprensa operária carecia de força, de consistência, mas por volta de 1890 ela começou a assumir novas feições.

A arrancada no desenvolvimento da imprensa operária, enquanto instrumento de uma classe já consciente de seu papel na sociedade, só se efetivou no princípio deste século, mas a semente que gerou essa mudança já havia sido plantada alguns anos atrás.

Os autores que estudam a imprensa das classes proletárias concordam ao atribuírem ao imigrante anarquista os créditos pela transformação da imprensa operária num instrumento efetivo de luta e participação política, conseguindo, com determinação e espírito combativo, iniciar a construção das mais belas páginas da imprensa brasileira.

Maria Nazareth Ferreira afirma que "as condições em que nasceu e se desenvolveu a imprensa operária estão contidas nela mesma, ao lado das condições em que se desenrolava esse período da história do trabalhador brasileiro".³

Realmente, o nascimento e o desenvolvimento da imprensa proletária não significaram uma ruptura no processo que se vinha desenvolvendo no interior da classe; ao contrário, a situação do movimento possibilitou a sua criação e a partir dela encontrou-se um vetor que proporcionava melhores condições de crescimento.

Desse modo, o imigrante anarquista, que havia encontrado ao chegar um operariado nacional ainda desorganizado, inicia uma atividade de mobilização e educação dos trabalhadores, e não apenas do trabalhador brasileiro, mas também do imigrante, em grande parte analfabetos e sem consciência política.

Na tentativa de arregimentar adeptos, a preocupação em atingir o maior número possível de pessoas era uma constante. Foi implantada, então, uma extensa rede de comunicação que cobria todo o País. Surgiram inúmeros jornais e revistas voltados para a educação, a formação e a politização do operariado. Seus objetivos se haviam ampliado, seu papel se havia diversificado.

À medida que se ampliava a rede de jornais, maior era a sua aceitação e maiores os ganhos políticos do movimento. O elemento nacional, em princípio afastado da organização, começava a se tornar assíduo, amiudando-se a sua participação.

(3) FERREIRA, Maria Nazareth, op. cit., p. 88.

Se, no seu início, a função da imprensa operária era basicamente educativa, nas duas primeiras décadas do século XX ela acumulava vários papéis.

Educava as massas semi-analfabetas e despolitizadas, tentando conscientizá-las – juntamente com o restante da sociedade – da justiça, da validade e da necessidade de suas reivindicações.

Introduzia na mentalidade dos seus leitores novos conceitos e novas idéias, movimentando e causando impacto, nunca passando despercebida, como bem destaca Edgar Rodrigues: "... pregava idéias, instruía, penetrava o inconsciente de quem se detivesse em sua leitura, mais a uns do que a outros; todavia, por onde passava permaneceram os sinais visíveis e subjetivos de suas mensagens de fé ou de revolta, nas denúncias ou nos ataques. Uns estremejavam com sua leitura, outros maldiziam-na, alguns combatiam-na, perseguiram-na, e a maioria aguardava-a. (...) Sentiam, portanto, sua presença."⁴

Juntamente com o teatro, outro forte instrumento de doutrinação, divertia e promovia as manifestações da arte e da cultura entre as camadas de baixa renda. Ao mesmo tempo em que transmitia um conteúdo doutrinário, trazia indicações de leitura, reproduzia conferências, veiculava poesias, crônicas e contos e anunciava bailes, palestras e outros eventos sociais voltados para o proletariado.

Bastante informativo, o jornal operário divulgava acontecimentos e notícias, lançava campanhas e realizava promoções do interesse do seu público leitor, ao mesmo tempo em que procurava orientá-lo e esclarecê-lo sobre cada um dos aspectos de cada fato noticiado.

Era tão grande a sua abrangência que, não havendo em suas páginas publicidade, os próprios jornais encarregavam-se de recomendar os produtos que julgavam de alguma utilidade, da mesma forma que aconselhavam o boicote a determinadas mercadorias.⁵

Não existe a menor dúvida sobre a importância da imprensa operária na vida do trabalhador brasileiro. Ágil, dinâmica e participativa, em suas páginas havia espaço para cada um dos momentos do dia-a-dia operário.

No entanto, apesar do relevante papel que desempenhou neste aspecto, a maior contribuição deixada pela imprensa operária não se refere à sua participação no cotidiano do trabalhador e de sua família. Foi na esfera da participação política, no exercício de suas funções de arregimentação, mobilização e conscientização política que se fez a sua maior conquista.

Durante toda a sua existência, mas principalmente naquele que foi considerado o seu período áureo – os primeiros anos do nosso século –, a imprensa do proletariado foi de grande importância para a formação de uma consciência de classe nos trabalhadores brasileiros. Pelas suas páginas, através de debates, contestações, acusações e defesas, desenvolveu-se toda uma luta ideológica – tanto entre o proletariado e a classe patronal como entre as diversas doutrinas disseminadas entre os operários –, esclarecendo posturas e conceitos. Essa batalha ideológica deixou raízes que marcaram profundamente a classe operária e cujos desdobramentos se refletem até os nossos dias, tendo sido de fundamental importância para a caracterização dos movimentos operários da atualidade.

(4) RODRIGUES, Edgar. "Os Anarquistas; Trabalhadores Italianos no Brasil". São Paulo, Global, 1984, p. 123.

(5) FERREIRA, Maria Nazareth, op. cit.

A imprensa operária contrapunha-se à grande imprensa, como suporte para a difusão de mensagens e ideologias contrárias ao regime vigente, que não encontravam espaço para veiculação nas publicações da classe dominante.

Buscavam a participação dos proletários na sociedade e, ao mesmo tempo, contestavam-na.⁶

Apesar das divergências que começavam a surgir, entre anarquistas e socialistas, em vários momentos, no decorrer da luta do proletariado, eles estiveram unidos pela causa comum: a emancipação dos trabalhadores. No que diz respeito à imprensa operária, esta aproximação se faz sentir, através da fundação de vários jornais de caráter "socialista-anárquico".

Levando aos locais de trabalho, aos grupos, associações e sindicatos os ideais de emancipação, igualdade e libertação, traduzidos nas diversas doutrinas que influenciavam sua ação, a imprensa proletária caracterizava-se como verdadeiro suporte ideológico do movimento, preocupando-se em tornar públicas as reivindicações do proletariado.

Sua participação nos momentos mais importantes da vida política do operariado era decisiva. Greves, protestos, litígios com as classes patronais, enfim, tudo que tivesse uma significação na luta dos operários ganhava destaque em suas páginas. Ela conclamava, informava e esclarecia a grande massa de trabalhadores em todas as questões de relevância para o movimento.

Durante as greves, juntavam-se aos jornais e revistas – os veículos mais tradicionais da imprensa operária – boletins, panfletos, notas de esclarecimento e uma enorme quantidade de material que se destinava a obter a máxima participação e o apoio de todos os setores proletários, como também do conjunto da sociedade.

A cada instante, maior era a penetração do movimento no meio dos trabalhadores brasileiros, que, agora, eram ativos participantes, nas associações, nos sindicatos e, conseqüentemente, na sua imprensa. Animado pelo crescimento da mobilização, contagiado pelo ânimo e partilhando as mesmas crenças e as mesmas esperanças, dividia com o imigrante a tarefa de divulgar idéias e organizar as massas.

Com o crescimento da participação política do operariado, crescia também o número das suas publicações. Crescia e ampliava-se por todo o território nacional. Cada liga, cada associação, cada novo sindicato que surgia tratava logo de organizar o seu jornal.

Embora a maior parte das publicações estivesse localizada nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, que já se configuravam como os grandes centros industriais do País, os demais Estados da Federação também possuíam os seus jornais operários e, embora seu número fosse bastante reduzido, eram diretamente proporcionais ao desenvolvimento da sociedade local.

Apesar do seu extenso raio de ação e de sua enorme penetração no seio da classe trabalhadora, a imprensa proletária não era, como se poderia imaginar, de grande porte. Ao contrário, os jornais e suas outras publicações eram produzidas quase artesanalmente, em precárias oficinas gráficas, utilizando-se antigas máquinas e instrumentos.

(6)ARAÚJO, Sílvia M. P. & CARDOSO, Alcina de L. "Ideologia e Imprensa Operária: O Contradiscurso Pequeno-burguês". Paraná, mimeografado, 1986.

Sobre este aspecto – a reconstituição do perfil da imprensa operária –, são de extrema importância as anotações de Maria Nazareth Ferreira sobre o assunto. Em seus mínimos detalhes, ela recolheu elementos que nos ajudam a recompor a estrutura e a aparência dos jornais operários daquela época.

No seu formato, os jornais eram em grande maioria tablóides, havendo, entretanto, algumas variações de acordo com as máquinas e o papel utilizado. O número de páginas não era constante, variando de acordo com a quantidade do material a ser veiculado.

Ocupava-se uma grande parte do espaço dos jornais com a reprodução de textos, palestras e conferências, evidenciando a preocupação de dar ao trabalhador o respaldo teórico para sua luta. “Nota-se, deste modo, do ponto de vista da diagramação, uma nítida preocupação em ocupar todo o espaço. A utilização de charges na primeira página, reproduzindo visualmente o editorial, é outra constante. Além destes elementos, nas primeiras páginas podem ser encontrados manifestos e convocações para assembléias operárias.”⁷

Um aspecto que merece destaque quanto à estruturação dos jornais operários diz respeito à sua regularidade e periodicidade. Eram extremamente irregulares, muitas vezes desapareciam de circulação, tornando a aparecer algum tempo depois. Muitos nunca reapareciam, outros reapareciam sob outros nomes.

Esta irregularidade pode ser explicada por dois fatores: a falta de recursos e a perseguição de que eram vítimas. Muitas vezes os jornais saíam de circulação por não poderem arcar com os custos de sua produção, sendo necessário que os militantes, redatores e editores contribuíssem com dinheiro do próprio bolso para que se desse continuidade à publicação. Também a perseguição efetuada pelas forças policiais era um desorganizador da estrutura dos jornais operários. Nas suas investidas, a polícia quebrava máquinas e instalações, prendia os militantes, o pessoal das oficinas e apreendia o material editado. Demorava muito tempo antes que os jornais pudessem reorganizar-se. Muitos nunca o conseguiam.

Quanto à periodicidade, esta variava de acordo com a ocasião e os acontecimentos. Nos períodos de maior agitação – que geralmente antecediam as greves –, publicações mensais ou semanais passavam a ser editadas diariamente, procurando sempre manter bem informado o seu público. Durante as greves a publicação de jornais diminuía, mas aumentava sensivelmente o número de panfletos, boletins e manifestos.

Muitos jornais trouxeram, em alguma época, suplementos. Esses suplementos eram às vezes literários, ou em idioma estrangeiro. A questão do idioma também é um aspecto interessante nos jornais proletários. Como grande parte dos militantes era de procedência estrangeira e, portanto, não estava familiarizada com a nossa língua, muitos jornais, além de trazer os já citados suplementos, circulavam em duas línguas; outros traziam secções, artigos, comentários em outras línguas que não a do todo da publicação, podendo ser considerados “bilíngües”.

Um último ponto a ser analisado é a inexistência do repórter no jornal proletário. Ao contrário dos jornais tradicionais, representantes da grande imprensa, o jornal operário não ia atrás da notícia: ela vinha ao jornal. Às suas

(7) FERREIRA, Maria Nazareth, op. cit., p. 105-106.

redações chegava material de toda natureza. Eram documentos sobre o movimento, relatórios de sindicatos, denúncias, cartas pessoais, entre outros, demonstrando os estreitos laços que uniam o jornal e o seu público.

O movimento operário atingia seu momento mais importante. A cada dia a mobilização crescia, a participação se fazia mais maciça. O número de greves aumentava vertiginosamente.

A conjugação das modalidades de luta como a greve, a associação e a ação jornalística começa a afetar, verdadeiramente, o sistema dominante. Para combater o crescimento das lutas proletárias, era necessário dar combate à sua imprensa, “anular os seus ideólogos como condição para exterminar a ação”⁸.

Desencadeou-se, então, uma intensa ofensiva por parte do governo e das classes dominantes, através de um fortíssimo aparato policial, com o objetivo de destruir a organização dos operários brasileiros.

Jornais foram empastelados, greves e manifestações públicas violentamente reprimidas, trabalhadores enquadrados juridicamente ou demitidos de seus empregos e os principais líderes do movimento presos ou deportados.

A partir dos primeiros anos da década de 20, o movimento operário, como também a sua imprensa, começou a sofrer uma retração, que perdurou por quase toda a década. Apenas por volta do ano de 1927 os operários começaram um tímido processo de reorganização.

Entretanto, apesar de toda a experiência acumulada, a imprensa operária não era mais a mesma. Os trabalhadores se haviam desorganizado e estavam divididos. Os principais líderes e organizadores do movimento haviam sido presos ou deportados, o conjunto do proletariado não estava mais interessado no movimento, e a imprensa operária não encontrava mais eco em seu público.

A apatia em relação à sua imprensa era agora a principal característica do proletariado brasileiro, o que inspirou as seguintes palavras ao militante Astrogildo Pereira: “Os trabalhadores do Brasil não compreendem a necessidade de sustentação da imprensa proletária, pobre e modesta, mas limpa e superior, ao serviço do ideal”⁹.

Ela ainda conseguiu subsistir por algum tempo, no período que sucedeu à Revolução de 1930, tendo mesmo sido criados novos jornais, mas, de um modo geral, não havia mais uma ligação forte entre a imprensa proletária e os trabalhadores. O trabalhismo, com suas “dádivas” enganosas, afastava os operários da mobilização e da luta.

Cada vez mais a imprensa dos trabalhadores estava perdendo sua força e, após a segunda metade da década de 30, não passava de uma memória na história dos trabalhadores.

2.2. A imprensa operária do Ceará

Até hoje ainda não se tentou escrever a história da imprensa proletária cearense. As informações sobre o assunto são vagas e imprecisas. Uns poucos autores fazem referência ao assunto, que se caracteriza mais por lacunas e interrogações que propriamente por informações.

(8) ARAÚJO, Sílvia M. P. & CARDOSO, Alcina de L. Op. cit., p. 3.

(9) PEREIRA, Astrogildo, apud DULLES, John W. Foster. “Anarquistas e Comunistas no Brasil – 1900-1935”, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. p. 124.

Quando se fala na imprensa do proletariado cearense, aborda-se apenas um aspecto: a localização, no tempo e no espaço, além da entidade responsável por sua publicação.

Reconstruir os caminhos que trilhou a nossa imprensa operária é, atualmente, um exercício mais de adivinhação que de pesquisa. Os momentos pelos quais ela passou, que foram vividos por seus idealizadores e responsáveis, não estão fixados em nenhum estudo, não há mais quem os conte. Os jornais, as fontes primárias, desapareceram, destruídos pela violência da política, pela ação do tempo ou pelo descaso dos seus possuidores.

Um único exemplar da imprensa proletária do nosso Estado mereceu um tratamento diferenciado. Ao estudar a Legião Cearense do Trabalho, o professor Josênio Parente¹⁰ faz uma análise de "O Legionário", órgão de comunicação daquela entidade.

Entretanto, da análise do que foi o movimento operário cearense podemos extrair algumas informações, que servem como indicativo na tentativa de traçar, ainda que de modo incompleto, a trajetória e o perfil da imprensa operária no Ceará, procurando-se, como é o objetivo deste trabalho, dar uma maior ênfase e um maior detalhamento ao período compreendido entre os anos de 1920 e 1935.

Segundo alguns autores, a imprensa no Ceará nasceu no ano de 1824. Esta informação, apesar de não ter sido inteiramente comprovada, é aceita como verdadeira e, pelo menos neste trabalho, como tal permanecerá.

Na opinião de Júlia Miranda Canoco: "Qualquer tentativa de periodização para fins de análise da evolução da imprensa em nosso Estado recairá necessariamente em duas fases principais, quais sejam: de 1824, data do seu (ainda controvertido) surgimento, a 1915, e desse ano aos dias atuais. No primeiro período os jornais existiam em função de partidos ou de grupos de opinião, o que significa um jornalismo eminentemente opinativo, enquanto a partir de 1915, com a fundação do "Correio do Ceará", passam o noticiário e a publicidade a ganhar espaço jornalístico"¹¹.

A imprensa proletária no Ceará surgiu ainda no primeiro período indicado por Júlia Miranda Canoco, correspondendo plenamente ao jornalismo da época. Entretanto, por sua própria natureza, por seu caráter doutrinário e suas características de veiculadora de ideologias, penetrou no segundo período mantendo as mesmas características, tendo sua força e sua capacidade de mobilização decorrido deste fato.

No Ceará, como no resto do País, em seus primeiros anos, essa imprensa era porta-voz dos anseios do proletariado, por melhores condições de vida. À medida que os trabalhadores se organizavam, também a sua imprensa progredia, ganhando novas forças, transformando-se cada vez mais num agente de conscientização e formação do operariado.

É de se supor que a imprensa dos trabalhadores do Ceará se tenha desenvolvido *pari passu* com o seu movimento. Ao exemplo dos outros Estados, seus maiores momentos foram aqueles em que os proletários se faziam mais atuantes, mais participativos.

(10) PARENTE, Josênio C. Op. cit.

(11) CANOCO, Júlia Maria de Miranda. "A Imprensa no Ceará - II". Fortaleza, mimeografado. 1980. Fl. 2.

Dessa maneira, as fases que marcaram uma mudança no movimento operário – já referidas no capítulo anterior – são as mesmas que marcaram uma mudança em sua imprensa. As novas forças que passaram a atuar no movimento também influenciaram a caracterização dos jornais e outras publicações operárias.

Com a criação, em 1915, dos Círculos Operários Católicos, começou a se configurar uma disputa que marcou o movimento operário cearense até 1935: a disputa – entre as correntes de esquerda, principalmente comunistas e socialistas, e a direita, através dos Círculos Operários e posteriormente da LCT – pela hegemonia na liderança do proletariado do Ceará.

A partir daí, a imprensa proletária do Ceará passou a apresentar uma característica diferente da imprensa proletária dos outros Estados¹². Nas suas páginas desenvolviam-se, além dos debates doutrinários que marcavam a luta entre a classe trabalhadora e a classe patronal, discussões entre as duas orientações que procuravam obter a unanimidade no apoio do proletariado. De um lado, a orientação dos comunistas e socialistas, que procuraram orientar os trabalhadores para a luta por sua emancipação, do outro, a Igreja, que lutava contra o comunismo, defendendo a união e o apoio mútuo entre as classes sociais.

Por volta de 1920, em função do impulso recebido pelo movimento, a imprensa operária iniciou uma fase de grande crescimento, e em 1935 já havia aumentado em mais de 300% (trezentos por cento) o número de suas publicações, se comparada com o período imediatamente anterior. Nos vários estudos pesquisados, só encontramos indicações de aproximadamente oito publicações operárias entre os anos de 1891 e 1919; já no período que vai de 1920 a 1935 podemos enumerar pelo menos 28 jornais.

Embora esses números não possam ser considerados definitivos – uma vez que ainda se estão iniciando as pesquisas sobre o assunto –, este primeiro levantamento pode nos dar uma idéia do enorme desenvolvimento que teve a imprensa proletária cearense após os primeiros vinte anos deste século.

Durante toda a década de 20, a imprensa proletária, no Ceará, cresceu normalmente, tendo havido, ao longo desse tempo, uma certa homogeneidade na criação de novos números. Em nenhuma época houve um crescimento espetacular no número de suas publicações, mas, ao mesmo tempo, não temos conhecimento de uma baixa, ou refluxo, no aparecimento de novos veículos.

Logo no início da década de 30, a imprensa proletária cearense recebe um novo jornal, que vem acirrar as disputas, ataques e debates levados a público através de suas páginas. É o órgão da Legião Cearense do Trabalho – LCT, que, por suas características antiliberais e anticomunistas, vem de encontro à orientação das correntes de esquerda, que já detinham uma considerável ascendência sobre os trabalhadores.

Essa nova orientação encontrou eco junto a uma grande parcela das classes proletárias, com as quais a Igreja desenvolvia, desde muito tempo, um trabalho de organização e doutrinação.

(12) Esta afirmação é baseada na inexistência de referências a uma imprensa operária de direita, nas diversas obras que tratam do assunto. Em todos os trabalhos ela é descrita como de esquerda, comunista, anarquista ou socialista. Já no nosso caso, é sabido que existiu uma parcela dessa imprensa vinculada ao conservadorismo e antiliberalismo de correntes direitistas e anticomunistas.

O debate, que poderia ter se prolongado por muitos anos, foi logo interrompido, pois a cada dia aumentava a repressão governamental ao movimento operário, determinando uma retração na sua luta e a crescente desarticulação do operariado.

No Ceará, principalmente após o fechamento da ANL, em 1935, o governo Menezes Pimentel reprimiu duramente as manifestações do proletariado e, como consequência, a Imprensa Operária praticamente deixou de existir.

Três jornais, entretanto, destacaram-se no panorama da imprensa proletária do Ceará, sendo inclusive unanimemente citados nas obras que tratam do assunto. Dois deles, "O Combate" e "Voz do Graphico", são do princípio da década de 20 e nitidamente de esquerda; o terceiro, "O Legionário", foi fundado na década de 30 e era porta-voz da visão direitista e anticomunista da LCT.

Apesar de pertencerem a épocas diferentes, estes três periódicos representaram todo o conflito de orientação e doutrinas que norteou o movimento do proletariado cearense, desde o seu momento de ascensão até a sua desarticulação pelo esquema repressivo do governo totalitário de Getúlio Vargas.

2.2.1. Os jornais operários

O primeiro jornal dito operário do Ceará foi fundado em 1891. Chamava-se "O Combate" e era o órgão de divulgação do Partido Operário, criado no ano anterior. Não é possível precisar até que ponto o partido era realmente formado por operários, mas no manifesto de apresentação seus elementos diziam-se "homens do trabalho, filhos legítimos do povo"¹³.

Na última década do século XIX foram criados ainda três jornais: "O Operário", em 1892, cujo órgão que era responsável por sua publicação não conseguimos descobrir, e, nos anos de 1893 e 1897, "A Flexi Caixeiral" e "A Opinião", respectivamente, ambos editados pela Fênix Caixeiral, entidade que congregava caixeiros, gerentes, contadores e outros empregados do comércio.

Entre os anos de 1900 e 1920, as referências apontam a criação de apenas quatro jornais, notadamente "O Resguardo" e "O Regenerador", em 1908, os quais não sabemos que entidade representavam, "O Demolidor", no mesmo ano, órgão de divulgação da Liga dos Confrades – da qual não temos nenhuma informação –, e "Ceará Socialista", órgão do Partido Socialista Cearense, que congregava operários em suas fileiras, no ano de 1919.

Em 1920, ano que marcou o início da proliferação dos jornais proletários no Ceará, foram criados o periódico "Voz do Graphico" – em 25 de dezembro, sob a responsabilidade da Associação Gráfica do Ceará –, que foi um dos mais importantes da história da nossa imprensa proletária, e uma nova publicação da Fênix Caixeiral, sob o título de "Phoenix Caixeiral"¹⁴.

No ano seguinte, 1921, foi fundado aquele que veio a ser o mais importante jornal operário do Ceará. No dia 12 de junho começa a circular "O

(13) GIRÃO, Raimundo. "Evolução Histórica Cearense". Fortaleza, BNB, 1986, p. 398.

(14) Apenas o nome do jornal, neste trabalho, é mantido em sua grafia original, tendo o nome da entidade sido grafada em sua forma atual.

Combate”, publicação da Federação dos Trabalhadores do Ceará. Foi fundado ainda “A Comuna”, quinzenal, editado sob a direção do Recreio Dramático Familiar.

O ano de 1922 marcou o aparecimento de apenas um órgão, “O Merceiro”¹⁵, em 4 de março, sob a responsabilidade da Associação dos Merceiros de Fortaleza. No ano de 1923, mais dois jornais foram criados, “O Combate” – de responsabilidade desconhecida –, em 11 de fevereiro, e “A Voz do Porto”, editado pelo Sindicato dos Trabalhadores do Porto de Fortaleza, cujo número inicial é de 25 de setembro.

São de 1924 “A Evolução” e “A Razão”, respectivamente lançados em 10 de fevereiro e 12 de outubro. O primeiro era mais uma das publicações da Fênix Caixeiral, e o segundo representava o pensamento de uma parcela do funcionalismo público do Estado.

Ao que tudo indica, os anos de 1925 e 1926 não trouxeram o surgimento de nenhum novo órgão para o conjunto da imprensa operária do Ceará. Do mesmo modo, não encontramos em nossas pesquisas nenhuma indicação de criação de novos jornais no ano de 1927.

Após passados três anos de aparente inatividade – no que se refere ao lançamento de novos números –, a imprensa proletária cearense reiniciou sua produção, e em fins de 1928 é lançado mais um novo jornal. No dia 30 de setembro sai o primeiro número de “O Fenixta”, do Partido Fenixta Independente, cujos participantes eram ligados à Fênix Caixeiral.

No dia 7 de novembro de 1929, um novo título da imprensa operária entra em circulação; é a publicação intitulada “Voz Proletária”. Não nos foi possível esclarecer de que entidade este órgão era porta-voz.

Ainda durante a década de 20, foram publicados vários outros jornais, dos quais, infelizmente, dada a exigüidade e a imprecisão das fontes, não foi possível apurar a data de aparecimento e/ou a instituição à qual pertenciam. Eram eles: “O Caixeiro”, do Partido Caixeiral-Estudantil – provavelmente também ligado à Fênix Caixeiral; “O Libertador” e “O Operário”, que circularam na cidade de Camocim; “O Caixeiral” – ainda dos caixeiros –, editado em Iguatu; e, finalmente, “A Comuna”, de Acaraú, cujo caráter operário não ficou bem evidenciado.

A década de 30 significou, para a imprensa dos trabalhadores cearenses, um retraimento na sua expansão. Devido, em princípio, à euforia pelas medidas trabalhistas, o espírito de luta do proletariado arrefeceu, o que gerou uma retração no desenvolvimento de sua imprensa.

Num segundo momento, após ser constatado o grande engodo que eram as medidas trabalhistas de Vargas, o movimento operário tentou uma rearticulação, mas o governo reprimiu duramente as suas manifestações. Tal situação, em termos de imprensa proletária, significou o seu quase completo desaparecimento, pois eram poucas as entidades que se arriscavam a editar um jornal – face ao descaso da massa dos trabalhadores, agora desarticulada, e à repressão policial –, e as que corriam esse risco em pouco tempo viam suas oficinas destruídas, as máquinas quebradas e todo o material apreendido.

Desta forma, tornou-se ainda mais difícil a tarefa de reconstruir a história daquele período, uma vez que os dados, os apontamentos precisos sobre os jornais surgidos àquela época foram muitas vezes perdidos e destruídos

(15) Idem.

pelas diversas ofensivas que se desencadearam sobre a classe e a imprensa operárias.

Sobre apenas um jornal deste período – os primeiros cinco anos da década – foi possível encontrar dados relativos ao aparecimento e à entidade que representava. Sobre os seguintes, somente nome e algumas referências secundárias.

Órgão de divulgação da Legião Cearense do Trabalho, “O Legionário” foi criado no dia 4 de março de 1933. Este jornal alcançou grande notoriedade no todo da imprensa operária cearense, embora, ao contrário de “O Combate”, se tenha caracterizado por seu caráter conservador e antiliberal.

Anterior a “O Legionário”, “O Trabalhador Graphico” surgiu pouco antes da deposição de Washington Luís, e embora esteja claro a que categoria profissional pertencia, não nos foi possível identificar a data exata do seu aparecimento como também a instituição que o editava.

São também dessa década jornais como “Ceará Odontológico”, evidentemente editado por dentistas, “Viação Cearense”, talvez dos condutores de veículos ou categoria similar, e “Voz do Marítimo”, obviamente de responsabilidade dos marítimos cearenses. Na cidade de Crato, neste mesmo período, foram criados “O Combate” e “A Voz do Operário”, sobre os quais não possuímos a mínima informação.

No decorrer de nossas pesquisas, tivemos oportunidade de constatar, ainda, a existência, no período estudado, de outros títulos da imprensa proletária cearense, mas nem mesmo a época aproximada em que foram criados foi possível identificar. A Fênix Caixeiral, além dos já citados, editou ainda “A União” e “O Athleta”, este último visivelmente destinado ao público desportista e possivelmente sem conotação política.

Os funcionários públicos fundaram o jornal “Liberdade”, e os tipógrafos, “A Evolução”. Existiram ainda as publicações “Ceará Operário” e “O Trabalho”, cujos responsáveis nos são desconhecidos.

Embora a imprensa proletária do Ceará possa parecer pequena e insignificante, se comparada à de São Paulo e do Rio de Janeiro, ao observarmos as condições econômicas, o desenvolvimento da sociedade e o nível de industrialização à época de sua formação e desenvolvimento, podemos facilmente perceber que ela teve um crescimento proporcional ao crescimento do Estado. E, apesar de a imprecisão dos estudos ainda não permitir afirmações categóricas, sua influência no proletariado cearense, ao exemplo do resto do País, foi de extrema importância para o crescimento da sua luta.

2.2.2. ‘O Combate’ – ‘Voz do Graphico’ – ‘O Legionário’

Três jornais, no panorama geral da imprensa operária cearense, destacaram-se por sua abrangência e pela relevância que alcançaram no seio do operariado de nosso Estado. Dois deles eram de esquerda, “O Combate” e “Voz do Graphico”, e o terceiro era porta-voz das concepções direitistas da época.

Apesar de terem circulado em épocas diferentes – os dois primeiros, no início da década de 20, e o segundo, na década de 30 –, esses jornais de certa maneira opunham-se ideologicamente, pois defendiam para o movimento e o conjunto do proletariado posturas e atitudes diferentes e opostas. São

representantes, portanto, do combate doutrinário que permeou a ação dos trabalhadores cearenses.

“O Combate” e “Voz do Graphico” propunham a emancipação do proletariado, a luta de classes e a greve como um instrumento para obter suas reivindicações. Desejavam uma massa de trabalhadores unidos e organizados politicamente, dispostos a batalhar por uma sociedade mais justa, onde o trabalhador não fosse explorado, e pela derrubada do sistema capitalista.

Eram fortes instrumentos de propaganda, e conseguiram uma grande aceitação da massa de trabalhadores, que iniciavam o seu processo de conscientização e mobilização. Apresentavam, como a totalidade das publicações operárias, um caráter doutrinário, voltado para a formação de uma consciência operária no proletariado ainda desmobilizado da época.

Já “O Legionário” trazia propostas um tanto diferentes. Pregava a conciliação entre as classes, o combate ao comunismo e a permanência do modo de produção capitalista. Apesar disso, era favorável às greves e à sindicalização dos trabalhadores.

Graças à penetração que teve a Legião Cearense do Trabalho no meio dos trabalhadores da época, “O Legionário” conseguiu uma boa penetração no operariado e, dado o seu espírito conciliador e de apoio às classes dominantes, foi o único jornal que escapou das perseguições dirigidas à imprensa operária.

O mais antigo deles é “Voz do Graphico”¹⁶, lançado no primeiro ano da década de 20. Órgão da Associação Gráfica do Ceará, seu número inicial é do dia 25 de dezembro de 1920, e sua publicação não obedecia a uma periodicidade regular.

Nas suas páginas eram veiculados artigos buscando despertar o operariado para a necessidade de organização e a emergência da criação de associações, sindicatos e outros organismos que pudessem, através da união dos trabalhadores, dar respaldo à sua luta. Ao mesmo tempo, procurava sempre dar apoio e incentivo às entidades já existentes no Estado.

Um outro aspecto que deve ser ressaltado é a preocupação dos seus redatores de alertar os operários sobre os organismos e trabalhadores que se faziam passar por defensores dos direitos do operariado mas que na verdade buscavam apenas se aproveitar do potencial de mobilização da classe. Também se referia aos “traidores”, operários que se uniam aos patrões para ascender a posições sociais mais elevadas, denunciando-os e alertando para o perigo que representavam para o proletariado.

Nesse sentido era também empreendida uma luta ideológica contra as organizações da Igreja, os Círculos Operários Católicos, como na matéria intitulada “A passeata da carneirada do ‘Circo’ Católico São José”¹⁷, onde ridicularizava uma passeata realizada pelos circunistas, que considerava trabalhadores inconscientes e instrumentos das classes dominantes.

(16) O estudo feito sobre o jornal “Voz do Graphico”, como também sobre “O Combate”, é baseado apenas nas anotações cedidas pelo Prof. Sebastião Rogério da Ponte, onde pudemos encontrar reproduções de alguns artigos e indicações do conteúdo de outros. Isso se deu em consequência da impossibilidade de nos deslocarmos até Campinas-SP, onde estão arquivados os exemplares dos citados jornais. Embora tal fato tenha restringido a nossa análise, consideramos importante apresentá-la, por ser a única maneira de mostrar alguns aspectos desses importantes periódicos.

(17) “Voz do Graphico” n° 16, 25 de dezembro de 1921.

Veiculava também artigos, poesias e comentários de caráter doutrinário, criticando o sistema de exploração capitalista e apontando os caminhos para a emancipação das classes trabalhadoras, como nos artigos “Ordem e progresso”, “Da sociedade primitiva à sociedade atual”, “Anarquia”, e na poesia “A Anarquia”¹⁸.

A situação de exploração a que eram submetidas as classes trabalhadoras era denunciada em suas páginas, e quando da ocorrência de greves, de qualquer categoria, o jornal procurava dar todo apoio aos paredistas, inclusive conclamando o conjunto da categoria a participar e o restante dos trabalhadores a solidarizar-se e apoiar os grevistas.

Em nossa opinião, a participação da “Voz do Graphico” na imprensa operária do Ceará foi de real importância para o processo de conscientização e organização pelo qual passavam os trabalhadores. Na sua atuação, conseguiu manter-se sempre coerente com os princípios que motivaram a sua fundação, explicitados no trecho abaixo:

“A ‘Associação Graphica do Ceará’, creando um Grupo Editor para dar a luz a ‘Voz do Graphico’, teve por objectivo combater explorações irritantes, e cooperar com sinceridade, na medida de suas forças, á orientação de um caminho recto e seguro, por onde deve enveredar o operariado de nossa terra á conquista de seus direitos, garrotiado pela prepotência do capitalismo retrogrado e moquo que asphixia nossas justas aspirações.

“A **Voz do Graphico** será o clarim autisonante, tocando reunir em volta á nossa bandeira, á avalanche obreira de nossa terra nativa, ainda despara por falta de organização consciente.

“A emancipação do braço obreiro é e deve ser feita pelo próprio obreiro’, disse já um grande philosopho moralista. Façamos pois da vida um campo de lucta, mas desta lucta bendita e fecunda que ennobrece, que dignifica o nosso ideal, que é o mesmo de toda a humanidade soffredora e honrada.

“O contraste é bem claro, e revoltante a injustiça desta velha e velhaca instituição burgueza que está prestes a falir por completo, pela falta de confiança que cada vez mais se acentua pelos seus defeitos imperdoáveis.

“Os ociosos tubarões da alta negociata não nos enxergam, occupados que estão pelas futilidades com que passam o tempo e entregues aos prazeres muitas vezes illicitos, esbanjando o suor usurpado criminosamente ao operario e ao povo, tornando-os em bestas de carga dos magnatas do poder.”

“Enquanto isto se passa no seio da nossa chamada elite social, nas suas officinas infectas, escuras e apertadas, o operario productor se esfalfa e estraga a saúde por uma migalha, que é mais um escarneo deprimente, que a recompensa justa do seu esforço material que o burguez, na ancia de acumular, faz cronica a miseria reinante na Familia Operaria. E tudo isto protegido pelas leis elasticas e draconianas que tudo lhe favorecem e a nós tudo nos negam, prejudicando tanto o engrandecimento moral pela falta de instrução, como physica pelo depalperamento, pela falta de alimentação sufficiente e mais rudimentares preceitos de hygiene.

Onde está o valor jurfdico dos nossos estadistas? Onde a tática administrativa para o equilibrio social? . . . Tudo são convenções e alta especulação, e que nos dá o direito de dizermos – o que real é o direito da força – que tudo domina, e nós, que somos pequenos e nada valemos para a justiça burgueza, se quizermos viver e sacudir o jugo da miseria, precisamos ficar resolutos e fortes. Precisamos combater a apathia que reina no cerebro do operariado cearense ainda fraccionado e fraco de convicções, para as lutas

(18) Respectivamente em “Voz do Graphico” nº 1, 25 de dezembro de 1920, nº 18, 28 de janeiro de 1922, nº 20, 25 de fevereiro de 1922, e nº 17, 14 de janeiro de 1922.

de reivindicação de seus direitos vilipendiados e amarrados por causa única da indiferença que não deve nem pode permanecer.

Precisamos nos organizar, definir a nossa política e chamal-os à vida associativa das classes obreiras como uma necessidade espontânea de luta pela vida.

Na longa pratica dos grandes centros operarios do Sul do paiz e na Europa tem se constatado que só o Syndicato de resistência merece o apoio franco do operario como unico systema de associação capaz de não adulterar a política de acção que alem de manter a dignidade honesta e altiva do operario faz sentir com presteza os beneficios de seu valor.

No Syndicato de resistencia só se trata do interesse lidimo do operario em geral sem a permissão de ignorancia de outros negocios de pessoas que não operarios.

.....
"O Syndicato é a **escola** e o recreio do operario e de sua familia; alli elle aprende a ler e ensinar os companheiros que desejam aprender; alli elle aprende a estimar o semelhante e irmão, dando assim um passo em pról do sentimento de igualdade; alli conhece que o interesse do trabalhador é um só em toda parte; alli elle aprende a ser homem de vontade e que é perigoso delegar seus direitos a extranhos, sendo preferível agir por conta própria em pról dos mesmos, enfim, alli elle aprende a organizar, a produzir e distribuir equitativamente o bem commum segundo as necessidades de cada um." 19

Dentro do mesmo espírito que motivou a criação da "Voz do Graphico", também se deu a fundação de "O Combate", que representava a Federação dos Trabalhadores do Ceará.

"O Combate" começou a circular no dia 12 de junho de 1921; sua publicação era quinzenal, e na história da imprensa operária cearense, ele ocupa um lugar de destaque, sendo considerado o seu maior representante.

Como órgão da Federação dos Trabalhadores, uma de suas grandes preocupações era incentivar a organização do proletariado, através de publicações de matérias onde destacava a criação de novas associações e entidades, descrevia e comentava a situação e a atuação dos sindicatos e grupos de trabalhadores organizados, tendo chegado a publicar, em alguns números, os estatutos da Federação, como uma forma de despertar o interesse do todo dos trabalhadores para a necessidade de uma participação política.

É bastante sugestivo o texto "Vamos ter mais uma organização de trabalhadores?", veiculado no seu primeiro número e que julgamos interessante reproduzir:

"Não resta dúvida que, embora lentamente, as classes laboriosas de Fortaleza tendem a se despertar da apathia embrutecedora em que poucos tempos atraz se debatiam.

"E a prova damol-a com a organização dos pedreiros, dos carpinteiros, dos sapateiros e, em dias desta semana, conforme distribuição de um boletim que baixo transcrevemos, dos trabalhadores de rua, que tambem parecem querer se organizar para, em comunhão, iniciarem a defeza de seus direitos.

"Não sabemos ainda qual seja o gênero de organização a que se destinam abraçar os nossos irmãos na dor e no infortúnio. Mas, desde já, felicitamol-os e, se nos é permitido um pouco de orientação, aconselhamol-os a

(19) "Voz do Graphico" nº 1, 25 de dezembro de 1920. Na transcrição do texto procurou-se manter a grafia original, o que foi dificultado por se tratar de anotações de outra pessoa.

se organizarem em Sindicato de resistência, pois só deste modo poderão triunfar na lucta que porventura venham de encetar.”²⁰

Muito pragmático, “O Combate” não se limitava a caracterizar situações de exploração em termos teóricos e generalizados; pelo contrário, denunciava muito seguidamente situações de exploração, posturas de homens públicos e a própria atuação do governo, em termos políticos, sociais e econômicos, como nos artigos “De candidato operário a candidato burguez”²¹, onde criticava a postura de Francisco Prado, que quando candidato defendia os trabalhadores e alertava para o perigo que o oportunismo representava, e “A situação financeira do Estado”²², onde criticava a situação do Estado, atribuindo a culpa dos seus governantes.

Ao lado destas questões práticas, eram ainda publicados artigos, poesias e comentários objetivando divulgar e esclarecer seu público sobre as questões inerentes a doutrinas que pregavam “a libertação do proletariado da dominação dos capitalistas” exploradores, como na poesia “Communismo” e no artigo “Reflexões”²³.

Outra preocupação deste jornal era a avaliação sistemática do movimento operário, criticando instituições e muitas vezes alertando para a apatia que reinava e para a dispersão e o desânimo dos trabalhadores em relação ao andamento de sua luta.

“O Combate” foi, sem sombra de dúvida, um dos mais importantes agentes de mobilização e de conscientização do operariado cearense na década de 20. A sua criação foi uma enorme conquista dos trabalhadores cearenses, e seu exemplo inspirou a criação de outras publicações proletárias, voltadas, em sua totalidade, para a unificação e o desenvolvimento da classe operária cearense.

Josênio Parente, em seu livro “Anauê – Os Camisas-verdes no Poder”, ao analisar a Legião Cearense do Trabalho – LCT, tece sucintos comentários sobre o seu órgão de divulgação, “O Legionário”, ressaltando características como seu apoio à chegada de Hitler ao poder na Alemanha e ao fascismo de uma maneira geral, a realização de campanhas a favor de um sindicalismo sob a tutela da LCT, da unificação dos serviços médicos e a criação de um hospital legionário, o que, na nossa opinião, evidencia o seu caráter paternalista e contrário à autodeterminação dos trabalhadores cearenses.

O autor se refere ainda à realização de inquéritos nas fábricas de Fortaleza, onde colhia dados detalhados sobre a situação dos operários, sugerindo, inclusive, melhoramentos que as diretorias das fábricas deveriam fazer para estreitar a relação entre patrões e empregados. Ao lado disso, revelava a exploração capitalista do trabalho e combatia aqueles que denominava “capitalistas retrógrados”, que não percebiam estar cedendo terreno para a atuação dos comunistas²⁴.

(20) “O Combate” nº 1, 12 de junho de 1921.

(22) Idem.

(23) Respectivamente, em “O Combate” nº 1, de 12 de junho de 1921, e nº 6, de 20 de agosto de 1921.

(24) PARENTE, Josênio C., op. cit.

Aos comentários de Josênio Parente, gostaríamos de acrescentar alguns pontos que julgamos de muita importância para a caracterização d'“O Legionário”.

Enquanto os outros exemplares da imprensa operária pugnavam pela implantação de sindicatos de resistência, “O Legionário” estabelecia claramente a diferença entre o “Sindicalismo Revolucionário” – dos comunistas – e o “Sindicalismo do Estado Corporativo Moderno”, que era a sua proposta.

Em suas páginas, um grande espaço era reservado para a publicação de notícias referentes à Legião Cearense do Trabalho, como boletins, sessões do Conselho Legionário, as reuniões dos sindicatos ligados à LCT e ao dia-a-dia dos seus dois grandes líderes, Jeovah Motta, do Movimento Integralista, e Severino Sombra, fundador da LCT. Também a Juventude Operária Católica – JOC tinha uma grande divulgação nesse jornal, sendo sistematicamente veiculadas matérias a seu respeito.

Divulgava ainda notícias relacionadas aos vários sindicatos e denunciava situações de exploração e intransigência dos patrões, como no artigo “Um patrão perigoso à ordem social”, no qual criticava José Diogo, comparando o tratamento que ele dava aos seus operários, considerado péssimo, ao cuidado que ele tinha com suas máquinas, finalizando-o do seguinte modo:

“... A Legião, desde o seu primeiro dia, acena para os patrões de Fortaleza com uma bandeira branca de uma colaboração sincera e fecunda. À comunista guerra de classes ella opõe um entendimento sincero e bem fundamentado entre as classes. ...

“Reconhecendo e proclamando os direitos do Capital, reclama apenas o reconhecimento dos direitos do Trabalho. ...”²⁵

Entretanto, era na luta contra o liberalismo, social, político e econômico, e principalmente na luta anticomunista, que se baseavam as suas publicações. A cada novo número, uma denúncia, um ataque ou uma apreciação de conduta e de princípios – sempre desfavorável – era lançada contra os comunistas.

Em seu segundo número, o jornal dá uma amostra dos objetivos e dos princípios que nortearam a sua existência, através do artigo “Carta aberta aos Comunistas”, abaixo transcrito.

“Em se apreciando o comunismo, podemos julgá-lo em seus dois aspectos principais: o Filosófico e o Social. Em seu primeiro aspecto, temos uma concepção materialista da vida que abarca. é lógico, todas as suas manifestações. Dahi a Economia ser a base de toda a organização comunista. ... Em consequência disto desaparece a Religião, a Moral, a Família e a Pátria.

“... É ingenuidade e, mais do que isto, é ignorância supor-se que é possível a igualdade entre os homens! Para isto era preciso, antes de tudo, que todos os homens fossem ‘inteligentemente iguaes e naturalmente bons’.

“... Na defesa do trabalho e do trabalhador chegamos á formula da associação do capital-trabalho ao capital-dinheiro.

“... Chamam-nos os comunistas de fascistas... Ha razão para tal? e se houvesse?

“Quem mais nacionalista, ‘nós’, ou os comunistas? Quem pretende acabar com a noção de família e de Pátria? Quem pretende fazer do Brasil uma colonia da Russia? Quem recebe dinheiro ‘extrangeiro’ para fazer propaganda? Quem, srs. comunistas? Agora, perguntamos, onde a nossa li-

(25) “O Legionário” n^o4, 25 de março de 1933.

gação com o fascismo? ligação de princípios? mas, elles são universaes! os unicos principios que nos ligam é que somos anti-liberaes e anti-communistas e queremos um Estado Corporativo! Isso é ser fascista? e se for?

“Comparemos os dois movimentos: Nós, Nacionalistas-Sindicalistas-Integralistas: vocês, Internacionalistas-revolucionários. Qual dos dois movimentos é mais digno da Pátria?”²⁶

Assim, ao contrário de “O Combate” e “Voz do Graphico”, que destinaram suas linhas e sua existência à defesa do operariado e ao incentivo à sua organização e mobilização, “O Legionário” dedicou-se a combater o comunismo e a incentivar um sindicalismo dependente e atrelado às classes patronais.

3. Considerações finais

Apesar da pequena abrangência deste estudo, antes de dá-lo por encerrado, gostaríamos de tecer algumas considerações finais sobre o que pudemos apreender da investigação acerca da Imprensa Operária no Ceará.

Como em todo o País, a imprensa dos trabalhadores cearenses apresentava, sobretudo, um caráter ideológico. Sua função era primeiramente conscientizar e organizar o operariado – fornecendo todo um respaldo teórico para sua emancipação –, ficando em segundo lugar as funções de informar e divertir. No entanto, mesmo a informação e a diversão obedeciam a uma orientação ideológica, onde os fatos eram apresentados e comentados ressaltando-se a sua significação para o proletariado, e até mesmo poemas, charges e promoções diversionais eram voltadas para possibilitar às classes trabalhadoras o acesso a informações voltadas para a sua própria realidade.

Configurou-se como a exceção no panorama da nossa imprensa proletária, o jornal “O Legionário”, pois, ao contrário das outras publicações, não desejava nem incentivava a emancipação do proletariado. É bem verdade que ele buscava, através do seu conteúdo, melhores condições de vida para os operários, e considerava a greve como uma forma de obter essas conquistas; mas suas reivindicações eram condicionadas à manutenção do sistema de produção capitalista, do qual era ferrenho defensor.

Desta maneira, além de enfrentar as investidas, materiais e ideológicas, das classes dominantes, a imprensa operária de esquerda, no Ceará, teve de desenvolver toda uma luta contra a orientação de direita, disseminada no seio do movimento pela Igreja Católica, através dos Círculos Operários, e pela LCT, através d’“O Legionário”.

As perseguições movidas pelas classes dominantes contra as redações de jornais operários e os seus militantes foram determinantes para a sua desarticulação e o desaparecimento dos seus exemplares, de tal modo que hoje são raríssimas as publicações operárias daquele período. Os sucessivos regimes repressivos, que vigoraram no País desde aquela época, acabaram com os poucos remanescentes das destruições anteriores.

Na reconstituição da história e do desenvolvimento da imprensa das classes trabalhadoras, um outro aspecto que chama a atenção é a intensa participação dos caixeiros na sua construção, tendo se caracterizado como a categoria que teve o maior número de publicações, embora nem todas tivessem um caráter político.

(26) “O Legionário” nº 2, 11 de março de 1933.

Em virtude da sua destruição e do desinteresse dos pesquisadores e estudiosos, que nunca se voltaram para a preservação da sua memória, dados importantes desapareceram da história da imprensa proletária do Ceará, tornando impossível, em nossos dias, o preenchimento de muitas lacunas que ainda permanecem em aberto.

Uma dessas lacunas diz respeito ao tempo de circulação dos periódicos, impossível de identificar. Também não foram conseguidos dados sobre a suspensão e posterior retorno das publicações aqui referidas.

Por seu caráter investigativo, baseado no qual se buscou fazer um levantamento inicial da história e dos participantes da Imprensa Operária Cearense, este estudo não se pretende exclusivo e tampouco definitivo. O caráter, as motivações e os objetivos de imprensa das classes trabalhadoras já são sozamente conhecidos e não constituem nenhuma novidade do ponto de vista histórico.

O que se poderia dizer de novo a seu respeito dependeria de uma análise do seu discurso. Tarefa que, a nível da nossa imprensa operária – cujos caminhos ainda não foram totalmente reconstruídos –, no momento ainda não é possível realizar por falta de subsídios materiais e teóricos para tanto.

E é como subsídio para um trabalho bem mais aprofundado, que busque resgatar a verdadeira essência da Imprensa Operária do Ceará – a sua ideologia – que este trabalho deve ser encarado.

4. Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena História da Formação Social Brasileira**. Rio de Janeiro, Graal, 1981. 728 p.
- AMARAL, Liana V. **Os Anarquistas e a Comunicação Impressa no Brasil**. Fortaleza, mimeografado, 1984 (apresentado na disciplina “Sistemas de Comunicação no Brasil” do Curso de Comunicação Social da UFC).
- ARARIPE, J. C. Alencar. **Jornal na Estante**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará. 1986. 184 p.
- ARAÚJO, Sílvia M. P., & CARDOSO, Alcina de L. **Ideologia e Imprensa Operária: O Contradiscorso Pequeno-burguês**. Paraná, mimeografado, 1986 (apresentado no grupo de trabalho “Sociologia e Cultura Brasileira” da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS).
- BARROSO, José Parsifal. **Uma História Política do Ceará – 1889-1954**. Fortaleza, BNB, 1984. 167 p.
- CANOCO, Júlia Maria de Miranda. **Recatolização ou Espaço Político?** Discurso e prática católicos no Ceará do início dos anos 30. Fortaleza, mimeografado, 1985 (dissertação de mestrado apresentada na UFC).
- _____. **A Imprensa no Ceará I e II**. Fortaleza, mimeografado, 1980.
- CARONE, Edgard. **Movimento Operário no Brasil – 1877-1944**. São Paulo, Difel, 1984. 486 p.
- CRUZ FILHO. **História do Ceará** (resumo didático). Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1987. 130 p.
- DIAS, Everardo. **História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo, Edaglit, 1962. 330 p.
- DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil – 1900-1935**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. 448 p.
- FAUSTO, Boris. **A Revolução de 30: Historiografia e História**. São Paulo, Brasiliense, 1979. 118 p.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa Operária no Brasil – 1880-1920**. Petrópolis, Vozes, 1978. 164 p.

- GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. 4ª ed., Fortaleza, Edições UFC, 1984. 294 p.
- _____. **Evolução Histórica Cearense**. Fortaleza, BNB, 1986. 442 p.
- KOVAL, Boris. **História do Proletariado Brasileiro – 1857-1967**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982. 556 p.
- LINHARES, Hermínio. **Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977. 98 p.
- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro – 1850-1920**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 179 p.
- MESQUITA, João Vianney C. de. “Sobre a História do Jornalismo Cearense”. In **Revista de Comunicação Social**. Fortaleza, 9(1/2): 105-28, 1979.
- MONTENEGRO, Abelardo F. **Os Partidos Políticos do Ceará**. Fortaleza, Edições UFC, 1980. 258 p.
- MONTENEGRO, João Alfredo de S. **O Integralismo no Ceará: variações ideológicas**. Fortaleza, IOCE, 1986. 176p.
- _____. “O Tenentismo e a Revolução de 30 no Ceará”. In: **Da Revolução às Interventorias**. Aula nº 19 do Curso de História do Ceará da Coleção Universidade Aberta do jornal “O Povo”. Fortaleza, 1984.
- NOBRE, Geraldo S. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza. Gráfica Editorial Cearense, 1975. 197 p.
- PARENTE, Josênio C. **Anauê – Os Camisas-verdes no Poder**. Fortaleza, Edições UFC, 1986. 152 p.
- PINHEIRO, Francisco José. “A Igreja: da República Velha à Constituinte de 1934”. In: **Igreja, Partidos e Democracia**. Aula nº 22 do Curso de História do Ceará da Coleção Universidade Aberta do jornal “O Povo”. Fortaleza, 1985.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio, & HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil – 1889-1930: documentos**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1979. 320 p.
- RODRIGUES, Edgar. **Os Anarquistas; Trabalhadores Italianos no Brasil**. São Paulo, Global, 1984. 187 p.
- RUBIN, Albino. “Sobre a Imprensa das Classes Subalternas – 1880-1922”. In: MELO, José Marques de, e outros. **Comunicação e Classes Subalternas**. São Paulo, Cortez, 1980. p. 49-56.
- _____. “Indústria Cultural e Consciência Operária: Hegemonia e Ideologia” (indicações para um estudo). In: SILVA, Carlos E. L. da, e outros. **Comunicação, Hegemonia e Contra-informação**. São Paulo, Cortez; Intercom, 1982. P. 77-87.
- SILVA, Otacílio Anselmo e. **A Revolução de 30 no Ceará**. Fortaleza, Imprensa Universitária da UFC, 1970. 240 p.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal, 1977. 586 p.
- SOUSA, Eusebio de. **A Imprensa no Ceará dos seus Primeiros Dias aos Atuais**. Fortaleza, Gadelha, 1933.
- SOUSA, Simone. “As Interventorias no Ceará – 1930-1935” (I e II). In: “Da Revolução às Interventorias” e “Ceará Republicano: entra em cena o movimento operário”. Aulas nº 19 e 20 do Curso de História do Ceará da Coleção Universidade Aberta do jornal “O Povo”. Fortaleza, 1984-1985.
- STUDART, Barão de. **Para a História do Jornalismo Cearense – 1824-1924**. Fortaleza, Moderna, 1924.
- VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e Sindicato no Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 288 p.

JORNALIS:

O Combate n^{os} 1 a 7, de 6 de junho a 3 de setembro de 1921.

O Legionário n^{os} 1, 2, 3, 4, 7, 10, 11 e 14, de 4 de março a 3 de junho de 1933.

Voz do Gráfico n^{os} 1, 2, 3, 4, 6, 16, 17, 18 e 20, de 25 de dezembro de 1920 a 25 de fevereiro de 1922.